

conscientemente meditasse sua obra-prima, que será à Lua cheia, embora invisível ao olho humano, e quando regressar a casa fitará seus familiares com olhos tímidos, como se soubesse que todo poder de autoproteção tivesse sido retirado e que de sua *Tintura primária* de outrora (isto é, o elemento objetivo) nada restasse salvo uma estranha inocência irresponsável. (...) Já talvez, mercê da fraqueza do desejo, ela nada entenda, conquanto pareça ser útil. Não será porque deseja tão pouco e dá tão pouco que os homens matarão e morrerão para servi-la?" E há um estranho poder de imaginação na concepção subjacente à seqüência final do Corcunda, do Santo e do Bobo.

No entanto, *A Vision*, quando tentamos lê-la, nos torna impacientes para com Yeats. Via de regra, ele expõe suas revelações como se as levasse a sério — vale dizer, como se acreditasse que *máscaras* e *casacas* e *daimons* e *corpos arrebatados* fossem coisas existentes de fato, fossem tão reais quanto as visões de A. E. haviam sido reais para A. E., como as pessoas da rua, mas que Yeats procurara induzi-lo a questionar; e, em verdade, é de imaginar que, para elaborar um sistema místico tão complicado e tão tedioso, fosse mister acreditar nele firmemente. Entretanto, de quando em quando o cético Yeats se reafirma a si próprio e somos surpreendidos pela inesperada sugestão de que, ao fim e ao cabo, a coisa toda possa ser apenas "um pano de fundo para meu pensamento, uma cena pintada". Se a coisa toda, perguntamo-nos, tem sido mera e inventada mitologia, em que o próprio Yeats não acredita, que direito tem ele de nos aborrecer com ela — que direito tem de esperar que examinemos, página após página, disparates como a seguinte descrição dos hábitos da alma depois da morte: "O Espírito primeiro flutua horizontalmente dentro do corpo morto do homem, mas então se eleva até sua cabeça, onde permanece de pé." "O Corpo Celestial também é horizontal, a princípio, mas jaz em posição oposta, com os pés no lugar onde está a cabeça do Espírito, e então, elevando-se como o faz o Espírito, assume posição erecta aos pés do corpo do homem. O Corpo Arrebatado eleva-se diretamente dos órgãos genitais e se posta no centro. O Casco permanece no corpo até o momento em que deva separar-se e perder-se na Anima Mundi."

Em *A Packet for Ezra Pound* (1929) nova luz é lançada sobre *A Vision*. Somos nele informados de que a esposa de Yeats é médium e de que as teorias enunciadas nesse livro foram comunicadas diretamente, através dela, por seres sobrenaturais.

Yeats nos conta como, quatro dias após seu casamento em 1917, Mrs. Yeats surpreendeu-o tentando exercitar a escrita automática. "Aquilo que veio em sentenças desconexas, numa escrita quase ilegível, era tão emocionante, e por vezes tão profundo, que eu a persuadi a dedicar uma ou duas horas, dia após dia, ao desconhecido escritor; e, ao fim de meia dúzia dessas sessões, seria mister o resto da vida para decifrar e conjugar tais sentenças desconexas. 'Não', foi a resposta, 'viemos dar-lhe metáforas para sua poesia.' O escritor desconhecido tomou para tema, a princípio, passagens do meu livro recém-publicado *Per Amica Silentia Lunae*. Eu ali fizera uma distinção entre a perfeição que advém do combate de um homem consigo próprio e a que resulta de um combate com as circunstâncias, e sobre essa simples distinção ele construiu uma minuciosa classificação dos homens, de acordo com sua expressão mais ou menos completa de um tipo ou outro. Completou sua classificação com uma série de símbolos geométricos, que dispôs numa ordem que respondia à pergunta do meu ensaio sobre se algum profeta poderia ou não assinalar, no calendário, o nascimento de um Napoleão ou de um Cristo." Yeats descreve as manifestações que acompanhavam tais revelações: os perfumes, assobios, cheiros de penas queimadas, frouxos de música, aparições de grandes pássaros negros e de "pessoas em trajas de fins do século XVI e do século XVII". Certa ocasião, em que uma coruja estava piando no jardim, o espírito a ditar solicitou um recesso: "Sons como esse", explicou o espírito, "dão-nos grande prazer." E apareciam também espíritos turbulentos e obstrutivos, que tentavam desorientar os Yeatses e que eram designados por "Frustradores": "a escrita automática desandava, tornava-se sentimental ou confusa, e quando eu chamava a atenção do comunicador para isso, ele dizia 'de tal a tal hora, em tal e tal dia, tudo é frustração'. Eu espalhava as folhas escritas, e ele riscava tudo, até a resposta inicial; todavia, não tivesse eu adivinhado a frustração, ele nada diria."

Somos informados também, de passagem, de um fato que poderia, para um psicólogo, lançar muita luz no desenvolvimento da personalidade de Yeats. Parece que Yeats não apenas logrou sempre evitar a Ciência, como nunca, a não ser recentemente, leu nada de Filosofia. "Com exceção de dois ou três dos principais Diálogos platônicos, eu nada conhecia de Filosofia. As discussões com meu pai, cujas convicções se haviam constituído com base no ataque de John Stuart Mill a Sir William Hamilton, tinham-me destruído a confiança, conduzindo-me da especulação à experiência direta dos Místicos. Eu já